

**UM LEGADO DE LUTA: A SAÚDE FEMININA COMO REFLEXO DO
PROGRESSO SOCIAL E CIENTÍFICO**

**ODS 3 – SAÚDE E BEM-ESTAR, ODS 4 – EDUCAÇÃO DE QUALIDADE e ODS 5
– IGUALDADE DE GÊNERO**

Gabriela dos Santos Souza (Escola SESI Taubaté)

Maria Clara Corrêa Galvão de Assis (Escola SESI Taubaté)

Monise de Carvalho da Silva (Escola SESI Taubaté)

Tulio da Costa Moreira (Orientador)

Mariana de Almeida Machado Leal (Coorientadora)

Este trabalho analisa como a medicina, ao longo da história, construiu práticas e interpretações sobre a saúde da mulher, influenciadas por fatores sociais, culturais e científicos. O estudo tem como recorte temporal a Idade Antiga, Média, Moderna e Contemporânea e aborda aspectos como ciclo menstrual, gestação, menopausa e climatério. No período antigo utilizavam-se diversas metáforas envolvendo as mulheres, na Mesopotâmia, por exemplo, acontecia o chamado “corpo tecnológico”, o qual deriva suas imagens das interações humanas com o meio ambiente, na produção artesanal, agricultura, irrigação e criação de animais. Porém, além de metáforas, a medicina desse período incluía tratamentos baseados em drogas combinados com fortes componentes religiosos, ritualísticos e éticos. Nessa época também surgiu a noção de que a saúde dependia do equilíbrio dos quatro humores, ou líquidos corporais: o sangue, associado ao coração; a fleuma (muco), relacionada ao cérebro e à água; a bile amarela, ligada ao fígado e ao elemento fogo; e a bile negra, vinculada ao baço e à terra. Na Idade Média, os cuidados com a menstruação, gravidez e parto eram majoritariamente conduzidos por mulheres. Estudiosos da época buscavam controlar a natalidade e explicavam a infertilidade exclusivamente pelo corpo feminino, associando a menopausa e a dificuldade para engravidar ao desequilíbrio dos humores, à frieza, secura ou excesso de umidade do útero, e até à gordura ao redor do órgão. A Igreja também influenciava essas interpretações, considerando mulheres sem filhos como punidas por bruxaria, pecado ou luxúria, responsabilizando-as pela infertilidade. Durante a Idade Moderna, houve o desenvolvimento do estudo anatômico podendo assim ter mais noção sobre o corpo humano e suas facetas. Além disso, o corpo feminino começa a ser visto como um

sistema, substituindo parcialmente as metáforas antigas, o útero, ovários e fluxo menstrual começaram a ser descritos em termos de funcionamento do corpo, não apenas como símbolos de fertilidade ou destino moral. Por fim, na Idade Contemporânea, houve uma expansão do conhecimento sobre ciclo menstrual, menopausa e climatério com avanços na compreensão fisiológica e hormonal desses processos. A medicina passou a tratar a mulher não apenas em função da fertilidade, mas como indivíduo com necessidades próprias de saúde. Surgiram terapias hormonais, tratamentos para sintomas específicos e maior atenção à qualidade de vida. A partir dessa contextualização histórica, buscou-se compreender como tais concepções ainda influenciam a percepção atual do público infantojuvenil acerca da saúde feminina, em vista disso a metodologia adotada foi de caráter qualitativo, com o propósito de compreender as percepções e opiniões acerca do tópico. Em função disso, foi realizado entrevistas com professoras da rede escolar com base em suas experiências na sala de aula, a análise dos dados revelou a continuidade de tabus e lacunas de conhecimento sobre menstruação e gravidez no público estudado. Por conta desses resultados, como etapa final, foi realizada uma intervenção na Escola SESI 411, envolvendo a apresentação do trabalho aos alunos do nono ano do Ensino Fundamental II e atividades sobre menstruação com as turmas dos quintos e sextos anos, visando conscientizar e ensinar mais sobre o assunto

Palavras-chave: História; Saúde da mulher; Progresso Social; Progresso Científico.